

O Jornal Nacional e caracterização de fases do telejornalismo¹

Estefane Worst²

Eliana Presser³

Nadja Hartmann⁴

Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, RS

RESUMO: Este resumo busca classificar através da análise de conteúdo de Bardin (1977) e das categorias já conceituadas por autores como Edna de Mello Silva (2017), Carlos Alberto Scolari (2008) e Guilherme Jorge de Rezende (2000), em que fase ou fases do telejornalismo ou da TV se encontra o episódio do Jornal Nacional exibido no 23 de agosto 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Conteúdo, Fases da TV, Fases do Telejornalismo, Jornal Nacional.

1. INTRODUÇÃO

A escolha deste episódio do Jornal Nacional como objeto de análise se justifica com a ligação do próprio telejornal com o cotidiano brasileiro. Atualmente o 'JN' é apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos, de forma diária com episódios de cerca de 45 minutos de duração. Nos seus 55 anos no ar, a história do Telejornal se confunde com a própria história do Brasil. Para realizarmos esta análise iremos utilizar a metodologia de análise de conteúdo, descrita por Bardin (1977) aplicando métodos que permitem observar qualitativos acerca deste objeto de estudo. Além de três formas de categorizar as fases da TV ou do Telejornalismo. A primeira de Carlos Alberto Scolari (2008) que vai da Paleo-Televisão à Hipertelevisão. A segunda utilizada por Guilherme Jorge de Rezende que segue do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Imersivo. E por último as categorias descritas por Edna de Mello Silva como Fases do Telejornalismo pós-Internet.

¹ Trabalho apresentado no GtGT12SU - Jornalismo audiovisual do INTERCOM SUL 2025.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UPF-RS, e-mail: 193451@upf.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UPF-RS, e-mail: 193977@upf.br

⁴ Professora do Curso de Jornalismo da UPF-RS, e-mail: nhartmann@upf.br

2. DESENVOLVIMENTO

A classificação da Paleo-Televisão à Hipertelevisão é descrita pela primeira vez por Carlos A. Scolari (2008) e discutida por Pedro Damasceno Ribeiro Matos Lopes (2021). Na fase da Paleo-Televisão, a TV tem fortes ligações estatais e um teor educacional. Scolari define três gêneros básicos para essa Televisão: educação, informação e entretenimento. O aparelho de TV era visto pela população como uma nova ferramenta de acesso à informação e conhecimento. Com o desenvolvimento de novas tecnologias no final dos anos 1980 e início da década de 90 a TV entra em uma nova fase, a Neotelevisão. Nessa fase surgem os videocassetes, que permitiam que o conteúdo fosse gravado e depois televisionado. O surgimento de mais canais, a diminuição das emissoras de serviço público e o aumento de conteúdos de nicho marca essa fase. Na fase da Hipertelevisão, os espectadores passam a interagir de uma nova forma com a Televisão, criando um espectador acostumado com a interatividade e as múltiplas plataformas. Essa nova fase surge com a cultura da convergência, marcada pelo fenômeno das múltiplas telas, a televisão divide sua atenção com celulares e laptops. Outra característica é uma certa aceleração no ritmo da produção e dos próprios conteúdos televisivos.

Já ao falar de fases do Telejornalismo no Brasil, Guilherme Jorge de Rezende (2000) segue a sua classificação com seis fases, do Telejornalismo Falado dos anos 50 até a sua versão imersiva na atualidade. A primeira fase do Telejornalismo brasileiro é conhecida como Telejornalismo Falado, o nome vem da forma lida que os repórteres apresentavam as notícias, vinda do jornalismo radiofônico. Para Alves (2008) e Lorêdo (2000), essa fase é caracterizada pela imagem de um apresentador, sentado em uma cadeira, tendo uma bancada à sua frente, que lia as notícias ao vivo e aparecia em quadro no televisor. Segundo Edna de Mello Silva, as inovações técnicas chegaram tarde no telejornalismo brasileiro: "as mudanças começaram a ocorrer mais tarde, com a chegada das câmeras portáteis do sistema U-Matic, no início da década de 1970." (Silva, 2017, p.6) Dando início à era chamada de Telejornalismo Reportado. Ainda segundo a autora,

"A gravação de externas em fitas magnéticas tornou o sistema de edição mais rápido e dinâmico. Por outro lado, a capacidade de mobilidade da equipe de gravação (...) a reportagem televisiva se amplia e passa a incorporar mais informações em nível nacional, à medida em que ocorre também a expansão das emissoras pelo interior." (Silva, 2017, p.6)

A era All News inicia com a chegada da TV por assinatura no Brasil no final dos anos 80 e início dos 90. Com o aperfeiçoamento técnico da transmissão via satélite foi possível também transmitir programações de outras localidades e países. Em resposta são lançados os canais de telejornalismo no Brasil. Segundo Edna de Mello Silva.

"Os canais de telejornalismo deram ao espectador a possibilidade de acompanhar mais de perto as notícias do dia, não ficando preso exclusivamente aos horários da grade de programação. Além das grandes reportagens, trazem também programas especializados em formatos jornalísticos de entrevistas e debates." (Silva, 2017, p.7)

Na fase Convergente, as tecnologias digitais trouxeram uma grande mudança para a rotina produtiva do jornalismo. A principal dessas alterações é a possibilidade da edição não linear, outro elemento é um novo cenário comum nos estúdios com as redações trabalhando atrás e a presença de telas. Os conteúdos passam a ser disponibilizados na internet, juntamente com informações das programações das emissoras de TV, bastidores, entrevistas exclusivas e versões do conteúdo dos telejornais. Outras características citadas por Guilherme Jorge de Rezende (2000) e Edna de Mello Silva (2017) são as imagens gravadas por telespectadores, o incentivo ao diálogo entre os telespectadores e a produção do telejornal e uma mudança na forma de consumo do telejornalismo. O telejornalismo expansivo surge com a apropriação das redes sociais pelos veículos de televisão. Assim, o conteúdo, que antes se limitava apenas ao formato para ser exibido na televisão, passa a ser expandido. "Há registros também do uso de tablets e smartphones por parte dos apresentadores e repórteres durante a apresentação da notícia. " (Silva, 2017, p.12) O Telejornalismo Imersivo traz a Realidade Aumentada, utilizado principalmente nos cenários. Neste caso, objetos tridimensionais são inseridos no mesmo plano de ambiente real em que o apresentador se encontra. Outra ferramenta do telejornalismo imersivo são as reportagens em 360°, que depende de outro suporte além da televisão para ser consumido.

Com base nos seus estudos sobre a influência da internet e da cibercultura no Telejornalismo, Edna de Mello Silva propõe três fases do Telejornalismo pós-internet. A Fase transpositiva começa nos anos 2000, quando emissoras de TV começam a lançar portais na Web, trazendo o conteúdo dos seus programas jornalísticos para sites e disponibilizando o acesso de vídeos dos Telejornais, como um repositório online. Segundo Edna de Mello Silva (2016), ainda nesta fase são iniciadas as primeiras tentativas de interação com o público no ambiente virtual através de chats online com comentaristas, convidados, repórteres ou apresentadores. A fase

hipermidiática é caracterizada pela transmissão simultânea dos telejornais na TV e na internet, iniciando o uso da convergência com conteúdos complementares em suportes diferentes ou o mesmo conteúdo em diversas plataformas. Para Edna de Mello Silva (2016) o que marca essa fase é o fenômeno da segunda tela, em que o telespectador pode acompanhar o conteúdo televisivo de forma complementar. "Ainda nesta fase destaca-se o aumento e a otimização dos espaços para participação do público com o envio de pautas, fotos e vídeos que passam a integrar os conteúdos dos telejornais." (Silva, 2016, p.5) Já a Fase Expandida surge com a criação de conteúdos para outras plataformas, como as redes sociais. Dessa forma o conteúdo jornalístico é expandido para outros formatos. Segundo Edna de Mello Silva (2016) este estágio que nos encontramos hoje é vivido de formas muito diferentes por cada emissora, mas com uma característica em comum a todas.

3. ANÁLISE

O Jornal Nacional do dia 23/09 tem 42 minutos de duração, é apresentado por William Bonner e Ana Luiza Guimarães, é dividido em quatro blocos com a seguinte estrutura: no primeiro bloco há a escalada⁵, um link ao vivo⁶ sobre o anúncio de Kamala Harris como candidata às eleições americanas, seguida por duas reportagens sobre o mesmo assunto, intercaladas por um retorno ao link ao vivo do início. Depois há uma reportagem sobre a desistência do candidato independente, cabeceada pelo mesmo link ao vivo. Em seguida há uma nota coberta sobre a Venezuela e uma sobre um naufrágio. O segundo bloco começa com uma nota coberta sobre um programa contra o feminicídio, em seguida há uma reportagem sobre um caso de racismo e depois uma reportagem sobre uma ação policial no Tocantins. O terceiro bloco começa com uma reportagem sobre impostos, seguida por uma reportagem sobre incêndios, e a previsão do tempo. O quarto bloco contém uma reportagem sobre a seleção brasileira de futebol e uma chamada para o globo repórter.

Ainda durante a escalada, é possível notar o cenário atrás dos apresentadores que mostra um pouco da redação espelhada e a logo do jornal, também há um tablet posicionado em frente a cada apresentador. Esse tipo de cenário é uma característica da fase Convergente e o uso de tablets se encaixa na Fase Expansiva. Logo no começo do programa, Bonner está ao canto da bancada, olhando a câmera e descreve uma linha do tempo, então se levanta e vai até o telão conversar com as correspondentes. Essa ação conta com características da fase Falada está

⁵ A escalada é exibida na abertura do jornal e traz um resumo dos principais assuntos que serão abordados.

⁶ Entrada de um repórter ao vivo.

representada no primeiro momento, onde o apresentador monta apenas com a fala uma linha do tempo de acontecimentos, sem imagens, depois a fase 'All News' pela possibilidade de contato com o repórter no local do acontecimento ao vivo e a fase Convergente pelo uso do telão para esse contato. Neste link ao vivo há duas correspondentes e durante suas falas elas seguram o próprio celular, além do microfone, e usam o aparelho para buscar informações em determinados momentos, depois disso, uma delas chama a própria reportagem. Características de outras duas fases, a fase Reportada pelo uso de gravações externas no telejornal e a fase Expansiva, pelo uso do celular durante a transmissão da notícia.

Em uma reportagem do segundo bloco, uma das entrevistas é feita pelo Google Meet. Aqui retorna a fase Expansiva, caracterizada pelo uso de tecnologias auxiliares. Em outra reportagem, imagens de arquivo pessoal são usadas para ilustrar uma ação policial, característica da fase Convergente. No terceiro bloco a previsão do tempo conta com a apresentadora Ana Luiza em pé em frente ao telão onde ela chama a repórter do tempo que está espelhada no telão, então a repórter assume a tela e apresenta a previsão do tempo, que é transmitida em um telão ao seu lado. Esse momento representa novamente a fase Convergente, por esse 'passeio' pelos telões de dentro do estúdio. Durante uma reportagem é mostrada uma nota oficial com uma animação que dá enfoque nos trechos que a repórter está descrevendo. Essa situação se enquadra na fase do telejornalismo Imersivo de Rezende, que usa representações digitais para informar.

Os conceitos de Scolari se aplicam a este programa de uma forma não tão palpável, mas que podem ser exemplificados. Como o uso de diferentes técnicas e aparelhos pelos repórteres e apresentadores, que segundo Scolari (2008), corresponde ao movimento da Hipertelevisão. A definição de Scolari (2008) também pode se aplicar ao cenário do jornal em referência à Neotelevisão. Já os conceitos de Silva (2017) e Alves (2008) levam em consideração o comportamento da emissora na esfera virtual, nesse caso é possível identificar características das fases Hipermediática e Expandida. A Hipermediática se refere a transmissão simultânea do conteúdo da tv e na Internet, toda a programação da Rede Globo é transmitida ao vivo na tv e onde pode ser acessada posteriormente no Globoplay. A fase Expandida é caracterizada pela produção de conteúdos específicos para outras plataformas, o que é feito pelo Jornal Nacional, sua página no Instagram além de trechos do jornal conta com vídeos gravados pelos próprios repórteres e cards informativos. Ao fim desta análise é

possível concluir que o Jornal Nacional, por ser um retrato da história do telejornalismo brasileiro, também usa técnicas e ideias de fases anteriores do movimento televisivo.

REFERÊNCIAS:

Concepção e estreia. Memória Globo, 01 de agosto de 2024. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/noticia/concepcao-e-estreia.ghtml>>. Acesso em 25 de setembro de 2024.

Bardin, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

Scolari, Carlos. Hacia la Hipertelevisión. Los primeros síntomas de una nueva configuración del dispositivo televisivo, in Diálogos de la Comunicación, Universidad de Vic, 2008.

Lopes, Pedro Damasceno Ribeiro Matos. Televisão e COVID-19: Uma Contínua Adaptação ao Universo Mediático Digital. Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal. Jan. de 2021.

Scolari, Carlos. The Grammar of Hypertelelevision: an Identikit of Convergence-Age Fiction Television [or, How Television Simulates New Interactive Media], Journal of Visual Literacy, 2009.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

Silva, Edna de Mello. Bases epistemológicas do Telejornalismo Brasileiro: do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Expandido, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017 Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1137-1.pdf> >. Acesso em 25 de agosto de 2024.

Silva, Edna de Mello. Narrativas Imersivas no Telejornalismo: Experiências e Limites, 441º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1437-1.pdf> > . Acesso em 25 de agosto de 2024.

ALVES, Vida. T V Tupi: uma linda história de amor. São Paulo: IMESP, 2008.

LORÊDO, João. Era uma vez... a televisão. São Paulo: Allegro, 2000.

Silva, Edna de Mello; ALVES, Y. M. Telejornalismo Expandido: A Apropriação de Redes Sociais e Aplicativos pelo Jornalismo Televisivo. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2503-1.pdf> >. Acesso em 25 de agosto de 2024.